

**Maria Filomena Gonçalves (Évora)**

**As ideias pedagógicas e linguísticas de  
António Pereira de Figueiredo: os manuscritos  
autógrafos da Biblioteca Pública de Évora**

**1. Preliminar**

Recentes publicações sobre o século das Luzes em Portugal (Calafate 2001; Araújo 2003) têm vindo a contribuir de forma significativa para o conhecimento das condicionantes externas do pensamento linguístico em Setecentos, avanço nem sempre acompanhado por uma efectiva caracterização da língua portuguesa do mesmo período. Embora seja certo que neste segundo aspecto o número de obras tem registado um acréscimo significativo, não é menos verdade serem escassas as descrições sistemáticas dos dados disponíveis; do mesmo modo, muitas são também as lacunas no estudo da linguisticografia setecentista, conquanto tenham surgido, desde a década de 80 do século passado, referências hoje imprescindíveis sobre o «século iluminado» (Verdelho 1982; Assunção 1997). Uma das lacunas mais relevantes será de certo a relativa à constituição e à disponibilização de *corpora* de diferentes naturezas, situação válida tanto para a descrição da língua setecentista como para o campo da historiografia. Obras sobre a Filosofia ou a Cultura Portuguesa (Calafate 2001) conferiram destaque a tópicos e a figuras salientes da produção metalinguística de Setecentos, ao tratarem, por exemplo, das relações entre «Gramática e Filosofia», ou ao fornecerem elementos pormenorizados sobre o «clima de opinião» (Koerner 1978), vale dizer, a historiografia externa do século XVIII, constituída pelos factos cronológicos, sociais, políticos e institucionais (Araújo 2003) que assistiram, e em muitos casos até justificaram, quer a produção quer a circulação de obras de natureza (meta)linguística. Escasseiam, porém, os estudos sistemáticos, assim como os monográficos, a respeito de muitas figuras de proa daquele período.

António Pereira de Figueiredo dista de ser uma figura esquecida ou desconhecida do século XVIII português, porque várias são as obras que o tornam protagonista da polémica à volta do ensino da gramática latina; porque foi o tradutor da Bíblia; em fim, por ter estado próximo de Pombal (AAVV 2001), além de ter deixado uma obra

vastíssima, na qual fica espelhado o espírito do iluminista. Entre outros papéis do Autor, na Biblioteca Pública de Évora<sup>1</sup> encontram-se depositados alguns dos seus manuscritos, contendo um plano para os estudos elementares. Procurar-se-á aqui situar esse «plano» no quadro das ideias do autor e da época. Antes disso, traçar-se-á um sumário perfil do intelectual e da obra, sobretudo no que tange à reflexão meta-linguística e às ideias pedagógicas.

## 2. O homem

António Pereira de Figueiredo nasceu em Mação, concelho de Tomar, a 14 de Fevereiro de 1725. Em Vila Viçosa, estudou com os Jesuítas no Colégio Ducal; depois, em Santa Cruz de Coimbra e, mais tarde, na Casa do Espírito Santo da Congregação do Oratório, na qual ingressou, vindo aí a exercer o magistério nas aulas de Latim, de Retórica e de Música. O seu *Novo Methodo de Gramatica Latina* (1752) esteve na origem da eclosão de uma acesa polémica que já vinha fermentando entre oratorianos<sup>2</sup> e alvaristas à volta dos métodos de ensino do Latim (Lima 1981), sendo Pereira de Figueiredo uma das figuras que mais contribuiu para a refrega entre partidários de um e de outro lado. Em 1759, a polémica é encerrada pelo Marquês de Pombal quando, após expulsar os inicianos, faz publicar as *Instrucçoens para os Professores de Grammatica Latina, Grega, Hebraica, e de Rhetorica* (1759), com as quais os congregados sairão triunfantes, sobretudo António Pereira de Figueiredo, visto que o seu *Novo Methodo de Grammatica Latina, para uso das Escolas da Congregação do Oratorio na Real Casa de N. Senhora das Necessidades. Ordenado e composto pela mesma Congregação do Oratorio* (1752), ali é recomendado para as aulas de Latim, junto com o manual de António Félix Mendes, outro oratoriano. Bem elucidativos são os termos em que tal recomendação é feita no texto pombalino:

[...] sómente devem uzar os Professores do Methodo abbreviado feito para uso das Escolas da Congregação do Oratorio, ou da Arte de Grãmatica

- 
- 1 Este trabalho inscreve-se num projecto de levantamento de fontes existentes na BPE, tendo em vista a sua publicação.
  - 2 Criada em Roma nos meados do século XVI, a Congregação do Oratório de São Filipe Néri chega a Portugal em 1668 pela mão do Pe. Bartolomeu do Quental, confessor real.

Latina reformada por Antonio Felix Mendes, que tem as referidas circunstancias (*Instrucçoens* 1759: 2).

Simpatizante das ideias reformadoras de Pombal e adversário dos Jesuítas, em 1768, ano do encerramento das aulas dos oratorianos, o Pe. Figueiredo é nomeado deputado da Real Mesa Censória. D. José determinou a sua saída da Congregação a 3 de Janeiro de 1769, nomeando-o oficial-maior na Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra. Já no final da vida, voltaria a vestir a roupeta dos Nérís. Foi membro da Academia Real das Ciências desde a sua fundação; para ela redigiu materiais destinados a ajudar na preparação do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, cujo 1º volume sairia em 1793. Além das obras impressas, também a correspondência particular mostra o fervor reformista do Pe. Pereira de Figueiredo. As cartas dirigidas a Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas (1724-1814), Bispo de Beja e Arcebispo de Évora, põem de manifesto a intensa actividade do oratoriano e expõem a estreita relação entre duas figuras de proa da Ilustração portuguesa. António Pereira de Figueiredo viria a falecer em Lisboa, a 12 de Agosto de 1797, na Casa das Necessidades,<sup>3</sup> onde fora readmitido. Filtradas as notas laudatórias inerentes ao género, o *Elogio de António Pereira de Figueiredo: na sessão publica da Academia Real das Sciencias em 20 de Fevereiro de 1859* (Jordão 1859) permite configurar uma personalidade central na compreensão das ideias linguísticas e pedagógicas do século XVIII. No Catálogo das Obras impressas e Manuscritas do Pe. António Pereira de Figueiredo, publicado em Lisboa no ano de 1800, é traçada uma curiosa descrição física do polemista:

Era de estatura mediana. De semblante, sendo moço, foi muito vermelho e tinha o cabelo ruivo e posto que nunca fosse gentil, antes tivesse as feições bastantemente grosseiras, todavia o seu aspecto dava bem claramente a conhecer quanto o seu interior era sereno e pacífico (Trigoso 1800: 19).

### 3. A obra metalinguística

A obra de António Pereira de Figueiredo abrange domínios tão díspares quanto a Filosofia, Teologia, a História (Figueiredo 1782), a Lite-

---

3 A casa das Necessidades foi mandada construir por D. João V. A partir dela exerceriam os Oratorianos o magistério de Pernambuco até Goa, onde se imprimiram alguns dos seus manuais.

ratura (Figueiredo 1760b), a tradução, a gramática latina (Figueiredo 1752; 1761), a lexicografia (Figueiredo 1760a), a pedagogia do latim e da Retórica (Figueiredo 1759), sem que esta enumeração esgote a galeria dos domínios versados pelo oratoriano. Em matérias de natureza linguística ou filológica, o denominador comum ao extenso rol dos seus títulos é o espírito reformista, a cujo serviço pôs uma vasta erudição, marcada pelas «luzes da razão». Sobre ser reformador e pedagogo, António Pereira de Figueiredo foi um verdadeiro polígrafo, visto ter deixado 90 obras impressas e 52 manuscritas, pertencendo por direito à linhagem dos grandes eruditos setecentistas, entre os quais figuram Francisco José Freire e o Cardeal Saraiva, por exemplo. O facto de muitos dos manuais dos Congregados (Costa 1979), entre eles alguns do Pe. Figueiredo, não estarem identificados com o nome do autor, pelo menos nas primeiras impressões, demonstra até que ponto a renovação do ensino era assumida como empresa colectiva, numa evidente disputa com os Inacianos, em cujas mãos havia estado o monopólio do ensino. A tom com o perfil de polemista, presente em certas obras de Pereira de Figueiredo, sobretudo nas envolvidas na discussão da gramática latina, mas sem destoar do espírito da época, estão os pseudónimos usados na publicação de opúsculos de reacção e de contra-reacção às frechadas dos alvaristas. Em 1754, na sequência da vinda a lume do *Antiprologo Critico e Apologetico* (1753), assinado por Francisco Duarte, que também se ocultara sob o pseudónimo de Manoel Mendes Moniz, Pereira de Figueiredo assina a *Defensa do «Novo Methodo da Grammatica Latina» contra o «Antiprologo critico»*, dividida em duas Partes com o criptónimo de Francisco Sanches (Torres 1998: 24-30). Atendendo à matéria em debate, a escolha deste disfarce não terá sido casual, dada a coincidência desse nome com o do Brocense, Francisco Sánchez de las Brozas (1532-1601), o famoso autor da *Minerva* (1587), cuja evocação equivalia, por essa altura, à ideia de renovação das concepções gramaticais, sendo tomado pelos reformadores da gramática latina e dos estudos como modelo contrário à tradição alvarística. Mesmo em textos paralegais, como sucede nas *Instrucçoens para os Professores de Grammatica Latina, Grega, Hebraica e de Rhetorica* (1759), o Brocense, por corresponder à linha racionalista, distinta da de Manuel Álvares (1526-1582), é objecto do maior enaltecimento. Nas Instruções lê-se a esse propósito:

Os Professores teraõ indispensavelmente a *Minerva* de Francisco Sanches, para a ella recorrerem, e por ella suppirem na explicação aos dis-

cipulos os preceitos, de que lhes tiver já dado huma summaria idéa o Methodo abbreviado, por que devem apprender. [...] não poderão os Professores obrigallos a ter, nem a usar de outro Methodo, que não seja dos dous, que ficaõ apontados no § IV, salvo a dita Minerva de Francisco Sanches, que na opinião dos maiores Homens da Profissão excede a todos, quantos escreverão até-agora nesta materia.

Igualmente recomendados são os nomes de «Vossio, Scioppio, Port-Roial» (*Instrucçoens* 1759: 3),<sup>4</sup> por isso mesmo acrescentados, nas *Instrucçoens*, ao de Francisco Sánchez. São afinal as fontes citadas no frontispício de algumas obras de Pereira de Figueiredo, como se observa nas *Figuras da Syntaxe Latina, explicadas e illustradas [...]* Segundo os principios de Linacro, Sanches, Vossio, e Perizonio, *Principes da Grammatica moderna* (Figueiredo 1761). Mera coincidência? Influência das fontes oratorianas sobre o texto pombalino?

Mas Figueiredo usa ainda outro pseudónimo. André Lúcio de Resende é o nome sob o qual circulou o *Apparato Critico para a correcção do Diccionario intitulado Prosodia In Vocabularium Digesta. Offerecido aos que seriamente quizerem cuidar da sua emenda*. Além do *Novo Methodo* (1752), outras obras suas são mencionadas nas *Instrucçoens*: no parágrafo 16, é recomendada a *Collecção das palavras Familiares Portuguezas, e Latinas* (1759), junto com os *Exercicios da Lingua Latina, e Portugueza* (1751), ordenados para uso da mesma Congregação. Também estas obras tiveram significativo trânsito: a *Collecção* foi reimpressa até 1839; e os *Exercicios*, até 1821. As *Figuras da Syntaxe Latina*, cuja 1ª impressão data de 1761, terá reimpressões ao menos até 1836. Depois de encerrado o consulado pombalino, e mesmo após a morte de António Pereira de Figueiredo, as suas obras gramaticais mantiveram grande circulação, sendo de assinalar a longevidade do *Novo Methodo para se apprender a Grammatica Latina* (1752), comprimido em volume de menor extensão sob o título de *Novo Methodo de Grammatica Latina, reduzido a compendio* (1758), que registou ao todo mais de 30 edições até 1868; foi impresso em Goa, pela Imprensa Nacional, no ano de 1865, atravessando o período da Viradeira, a época da revolução liberal e das reformas do ensino subsequentes (Carvalho 1986: 521-558). Pela sua regularidade, a sequência das datas de impressão parece corresponder às necessidades

---

4 Note-se que estas obras se destinavam, no entanto, aos mestres, não às aulas, como se desprende da seguinte observação: «[...] e de todas as mais destes merecimento, para a sua instrucção particular, e não para gravar aos Discipulos».

das instâncias escolares durante um longo período: 1756, 1759, 1760, 1779, 1780, 1788, 1795, 1797, 1803, 1805, 1806, 1807, 1811, 1813, 1816, 1817, 1824, 1825, 1828, 1831, 1834 (15ª impr. em Pernambuco), 1844, 1848, 1851, 1853, 1854, 1855, 1865, 1868.

Se há quem se refira a António José dos Reis Lobato como modelo do gramático pombalino (Assunção 1997), colocando a hipótese de aquele nome ser mais um pseudónimo ou um criptónimo de Pereira de Figueiredo, devido às muitas coincidências textuais entre a sua gramática e a de Lobato, ao oratoriano assenta perfeitamente tal epíteto, visto que, além de ter estado envolvido na polémica que levaria Pombal à publicação de instrumentos específicos para orientar os estudos, se assume como verdadeiro reformador. Consideradas no seu conjunto, as obras metalinguísticas e pedagógicas do Pe. Figueiredo reflectem, em termos ideológicos, o ideário pombalino de reforma das mentalidades e da sociedade por via da reforma das escolas. Esse espírito reformador, iluminado pelas ideias de progresso social e intelectual, fica bem espelhado nas *Reflexões sobre o Ensino da Grammatica*, a *Rhetorica* e as *Primeiras Letras*, do códice eborense, cujo interesse é, por essa razão, de natureza historiográfica, linguística e filológica, dado fornecer pistas para a compreensão da personalidade, da actualização e da intervenção de Pereira na *elite* intelectual de Setecentos, sobretudo no que tange à sua suposta influência na chamada política linguística de Pombal.

As actividades pedagógico-didácticas e linguísticas de Pereira de Figueiredo repartem-se pelas áreas da gramática, da lexicografia, da lexicologia, da filologia, do ensino do latim e da retórica. Nos tomos III e IV das *Memorias de Litteratura Portuguesa da Academia*, dados à estampa nos anos de 1792 e 1793, publicou dois textos relevantes sobre os problemas relativos à norma linguística e à definição desta, a partir de um *corpus* de autoridades literárias, apoiado sobretudo na figura do humanista João de Barros, numa exercitação antes ensaiada nos autores Latinos, como se vê no *Dialogo sobre os Autores da lingua Latina, com o juizo critico das suas obras, Idades estylos [...] para uso das escolas da Congregação do Oratório* (1760). As Memórias são elucidativas quanto às preocupações linguísticas de Pereira de Figueiredo, mesmo no que tange à língua vernácula, como se denota desde logo nos títulos desses textos: *João de Barros — Exemplar da solida Eloquencia Portuguesa* (1793: 5-24) e *Espirito da Lingua Portuguesa, extrahido das Décadas do insigne Escriitor Joaão de Barros*

(1792: 112-228). Escritas em 1781 e apenas publicadas na década seguinte, as «Memórias» do Pe. Pereira de Figueiredo destinavam-se a auxiliar os académicos encarregados da elaboração do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, cujo 1º volume sairia no ano de 1793. Ambas se centram na questão da propriedade do uso linguístico, genuinamente vernáculo, cuja legitimação deveria amparar-se nos autores representativos da memória da língua, visto esta registar variações individuais, sociais e geográficas, além das diacrónicas, o que colocava problemas à circunscrição da norma. Fora da galeria bibliográfica de Pereira de Figueiredo não parece ter ficado praticamente nenhum domínio da efervescente reflexão linguística de Setecentos, dado que até a língua materna foi objecto da atenção do Autor. De facto, nas *Memorias de Litteratura*, ainda que sem explicitá-las, o oratoriano acaba por reunir as principais linhas programáticas do iluminismo linguístico, tanto mais que estas, do terreno do ensino da gramática latina, haviam alastrado, com contornos específicos, para o campo do vernáculo, e, dentro deste, para o domínio das variedades diassistemáticas e do uso normativo (Marquilhas 2001). Por outro lado, a preocupação com o estado da língua pátria, a finais do século XVIII, decorria da condenação do Seiscentismo, pautada pela ideia de que a ideologia e os padrões formalistas e conceptistas da estética do século XVII, mesmo no plano linguístico, eram directamente responsáveis pelo declínio da língua durante esse século, situação à qual viera somar-se, desde inícios de Setecentos, a emulação do formato francês, cada vez mais impulsionado pelas Luzes francesas, como se depreende das palavras do Oratoriano:

Hum estylo finalmente, cuja epoca se deve deduzir daquelle tempo, em que preterida a lição dos Escretores Estrangeiros á dos Patrios, começou, a dar-se por hum Portuguez rasteiro e insulso, todo o que não tivesse muitos, e mui sensiveis resabios do Dialecto francez (Figueiredo 1793: 5).

Incluídas nos títulos das Memórias académicas assinadas por Pereira de Figueiredo, expressões como «sólida eloquência portuguesa» e o «espírito da língua portuguesa», denunciam o ideário que perpassava pelos textos do oratoriano. Não menos significativo é o facto de em ambas as Memórias o modelo linguístico, literário e histórico ser João de Barros, cuja prosa, robustamente vernácula, é enaltecida como exemplo de vernaculidade e de memória linguística do português. A intensa actividade intelectual e pedagógica de Pereira de Figueiredo é



completada pela vertente do coleccionador de muitos dos livros relativos ao estudo da gramática e da literatura latinas que iriam engrossar a Livraria das Necessidades, a melhor de então nesses campos do saber. Já no século XX, ao propor um inventário das fontes a serem consideradas para efeitos de periodização da filologia portuguesa, José Leite de Vasconcelos (1929) avalia a contribuição de António Pereira de Figueiredo, para esse domínio, nos seguintes termos:

[...] tais trabalhos parece serem inspirados [...] nas ideias que o Pe. António Pereira de Figueiredo tinha de formar vocabulários e dicionários especiais dos nossos clássicos para um Dicionário geral da língua, — como êle diz in *Jornal de Coimbra*, IV, 9. Nesse *Jornal* publicou êste A. uma Dissertação prévia sobre o merecimento de João de Barros e sobre os neoterismos, arcaísmos e idiotismos da lingua portugueza (ib., págs. 8-19, com leves erratas de um anónimo no vol. VIII, pág 50, 1ª parte), que fazia parte de uma obra maior que Figueiredo destinava à imprensa, e cuja dedicatória tinha a data de 1777. Com a obra se relacionava provavelmente um ms. do mesmo A., que Inocêncio da Silva possuía (vid. *Dicc. Bibli.*, VIII, 276), e se intitulava Dissertação sobre os arcaísmos ou palavras antigas da nossa lingua, e sobre a imitação de João de Barros, publicado in *Mem. de Litterat. da Academia*, vol. III, — e da breve dissertação inserta na mesma colecção, vol. IV, com a qual êle aconselha o estudo dos clássicos àqueles que preferem os estrangeirismos (1929: 879-880).

As palavras de Leite de Vasconcelos colocam a tónica num aspecto menos estudado das obras de Pereira de Figueiredo: a participação do oratoriano no movimento setecentista de defesa, ilustração e vernaculização da língua materna. Ofuscada pelo papel de Figueiredo na polémica da gramática latina, esta vertente da sua produção inscreve-se na linha desenvolvida em trabalhos como as *Reflexões sobre a Lingua Portuguesa* (1773), de Cândido Lusitano, ou as memórias académicas de António das Neves Pereira, de Francisco Dias Gomes, e do Pe. Fóios, para só mencionar alguns dos que discutiram os problemas do uso e da norma. Aliando as preocupações pedagógicas e didácticas às questões linguísticas, a obra do Pe. Figueiredo foi produzida num período de grande efervescência metalinguística em toda a Europa, situação que em Portugal foi marcada por duas polémicas: a verneiana e a da gramática latina (Andrade 1981; 1982).

A partir das ideias expostas pelo Autor nos manuscritos autógrafos da Biblioteca Pública de Évora, cuja data é seguramente posterior às «Instruções» pombalinas para os professores de Latim, Grego, Hebraico e Retórica, visa-se contribuir para o conhecimento das ideias pedagógicas e linguísticas de Pereira de Figueiredo e, por extensão, do



século das Luzes em Portugal. Decerto não será mera coincidência o facto de alguns dos mais notáveis polígrafos de Setecentos terem vestido a roupeta dos Nérís – Manuel Monteiro, Joaquim Fóios, Francisco José Freire (ou Cândido Lusitano), José Morato, Teodoro de Almeida, António das Neves Pereira, além do próprio Pereira de Figueiredo.

#### **4. Os manuscritos da Biblioteca eborense**

Os manuscritos de António Pereira de Figueiredo encontram-se no Cod. CXI – 2-11, da BPE. A peça nº 8 deste códice inclui umas *Reflexões sobre como se deve ensinar a grammatica Latina*, seguidas das *Reflexões sobre o modo com que se deve ensinar a Retorica* e das *Reflexões sobre o modo de ensinar as Primeiras Letras*. Junto com estas três *Reflexões*, aparece uma carta de Figueiredo a respeito do envio daqueles textos a uma personagem não identificada. A letra das *Reflexões* coincide com a das cartas dirigidas a Cenáculo, existentes no mesmo códice da biblioteca eborense (Cod. CXI – 2-11, nº1). Nem a carta nem as *Reflexões* têm data, embora nelas o Autor faça referência a factos e a dados bibliográficos que permitem situá-las cronologicamente, como adiante se verá. No referido Catálogo das Obras impressas e Manuscritas de António Pereira de Figueiredo (Trigoso 1800), já eram mencionados estes manuscritos. No entanto, só no século XX, faria António Alberto Banha de Andrade uma transcrição incompleta, reconhecendo contudo que «valeria a pena transcrevê-lo na íntegra» (Andrade 1982: 562). Feita no âmbito da discussão dos métodos pedagógicos dos Oratorianos, a transcrição parcial de Banha de Andrade não compreende, porém, a carta de Figueiredo, possivelmente dirigida a Cenáculo, com quem o Autor se correspondeu regularmente. Incluídas no Códice antes mencionado, essas cartas correspondem a um período que vai de 1772 a 1791, sendo que Pereira de Figueiredo morre em 1797. Dispensa-se aqui a descrição do códice, porque apenas se procederá à contextualização da doutrina vertida nos manuscritos na produção pedagógica e metalinguística do Autor e da época. Segundo Banha de Andrade (1982: 561), o plano de estudos constituído pelas *Reflexões*:

tinha todos visos de haver sido solicitado para se adaptar em determinadas escolas. Trata-se de um pedagogo a traçar o rumo dos estudos, com a distribuição de matérias, livros e determinação de tempo necessário para cada disciplina.

Segundo o mesmo Autor (1982: 561), o manuscrito pertencerá ao intenso período de actividade pedagógica e de linguística, começado em 1751, com os *Exercícios*, ou em 1752, com a *Arte* do Pe. Figueiredo, intensificado a partir do momento em que três dos seus compêndios são aprovados oficialmente para o continente e o ultramar. O manuscrito contém um projecto destinado aos estudos elementares e avançados, embora sem coincidir com o Plano proposto por Cenáculo em 1769. Ainda de acordo com Banha de Andrade (1982: 561-562), vários são os elementos que permitem apontar para uma data, com razoável margem de acerto; *de facto*, o manuscrito não poderá ser anterior a 1759, data mencionada por Figueiredo a propósito das *Instruções Para os Professores de Grammatica Latina, Grega, Hebraica, e de Rhetorica, Ordenadas, e mandadas publicar por El Rey, Nosso Senhor, Para uso das Escolas novamente fundadas nestes Reinos, e seus Dominios* (1759), mas também não poderá ser posterior a 1778, visto Pereira de Figueiredo fazer referência ao Catecismo de Bento XIII, aconselhando a sua tradução para português. Ora o oratoriano viria precisamente a traduzi-lo nesse ano. Com base nessas datas, é de crer que o projecto tenha sido solicitado pelo próprio Cenáculo, também autor de um Plano de Estudos para Congregação dos Religiosos da Ordem Terceira de S. Francisco do Reino de Portugal, publicado em 1769, logo após ter assumido as funções de Superior Provincial da Ordem Terceira de São Francisco. Cenáculo e Pereira de Figueiredo partilhavam a mesma atitude intelectual decorrente das Luzes e ambos estiveram envolvidos nas reformas dos Estudos.

Além de denotarem a erudição de tão saliente figura intelectual de Setecentos, as abundantes referências e remissões bibliográficas feitas pelo Pe. António Pereira de Figueiredo são também uma excelente pista para a localização cronológica do projecto de ensino supostamente enviado a Cenáculo. Se a isso se acrescentar que as escolas oratorianas foram encerradas, a mando de Pombal, em 1768, a pretexto de que o «Pe. Valentim Bulhões viciava a mocidade no curso de Lógica» (Andrade 1982: 568), apenas sendo reabertas depois da queda do Marquês, em 1777, o manuscrito pertencerá à época pós-pombalina. Em carta a Cenáculo, com data de 1774, o próprio Pereira de Figueiredo alude às críticas de que era alvo, como se de um «garraio dos Jesuítas se tratasse». Entre as várias obras mencionadas ao longo das *Reflexões* eborenses, contam-se algumas do próprio António Pereira de Figueiredo: a *Collecção de Palavras e Frases Familiares*

(1759), os *Principios da Eloquencia* (1759), o *Compendio das Epocas e Successos mais Illustres da Historia Geral* (1782). De outros autores, antigos e modernos, menciona os seguintes: Cícero, Cornélio Nepos, Eutrópio (Breviário), Terêncio, Virgílio, Ovídio, Horácio, e o historiador Justino. Das várias coincidências existentes entre as *Reflexões* do código eborense e as *Instruções para os Professores de Grammatica Latina, Grega, Hebraica e de Rhetorica*, é de realçar o valor atribuído a Terêncio, um dos autores predilectos de Figueiredo. A respeito dele observa:

Acabados de traduzir Cornelio Nepote e Eutropio, dissera eu que dahi até os Estudantes passarem para a Retorica, se não traduzisse nas aulas de Grammatica outro Author, se não Terencio e mais Terencio (cod. CX I-2-11).

Salta aos olhos a relação entre a literatura e a gramática. Conquanto ela não seja, em rigor, uma novidade, tal relação é intrínseca ao método em que assenta o plano de estudos proposto por Pereira de Figueiredo nestas *Reflexões* (Andrade 1982: 562-566). Com efeito, sobre fornecerem cabedal de erudição, do qual era beneficiária a língua materna graças ao confronto sistemático entre esta e a Latina, os autores constituem um *corpus* de exercitação metalinguística, literária e histórica. A prática da tradução é prova disso, ainda que a escolha dos autores assentasse não só na sua qualidade linguística como também no fundo ideológico, de modo a que os estudantes não ficassem expostos a ideias contrárias ao espírito das Luzes.

Quanto aos autores modernos, Pereira de Figueiredo refere os seguintes, sendo que alguns viram os seus nomes ou latinizados ou aportuguesados, em conformidade com a moda da época: Johann Gottlieb Heinecke, Heinecius ou Heinécio, em português (1681-1741), com os seus *Fundamenta Styli cultioris* (1736), luterano que professou direito e retórica em latim, na cidade de Leipzig, e cujos manuais foram adoptados na Áustria por alturas da reforma do ensino em 1752; August Buchner, Buchnero, à portuguesa, do qual cita a *Commutata Ratione Dicendi libri duo* (1664); Pierre Nicole (1625-1695); Gerhard-Johann Voss, à latina Vossius, Vóssio à portuguesa (1577-1694), professor em Leyde, é autor da *Rhetorica contracta* (1742), e de umas Instituições Oratórias, em que a retórica é articulada com a teologia, o direito e a medicina; Pascal (1623-1662); Walchi; Johann Georg Walch (1693-1775). Posto isto, se no método de Figueiredo os Antigos sustentam o conhecimento da língua latina, já os modelos teóricos

derivam de Vóssio, Heinécio e Buchnero. Com efeito, percorrendo os textos prefaciais ou introdutórios de várias obras do oratoriano, desde o *Novo Methodo* (1752), as principais fontes são Linacro (Thomas Linacer, 1460-1524), Sánchez, Vóssio e Perizónio.

Relativamente à transcrição, é de notar que Banha de Andrade (1982) apresenta, com algumas modernizações, apenas cinco dos oito parágrafos do texto, não estando este isento de problemas de leitura.

#### 4.1 Transcrição

Na transcrição abaixo apresentada (de tipo diplomático) apenas foram desenvolvidas as abreviaturas e assinalada a mudança de fólio. Conservaram-se as demais características do texto manuscrito: os títulos, as grafias, a pontuação, os sublinhados, as maiúsculas e as minúsculas, bem como a numeração dos parágrafos presentes no texto. Assinalou-se a mudança de fólio por meio de duas barras, seguidas do número do fólio entre colchetes; as palavras cuja leitura não foi possível são indicadas por meio de interrogação entre parêntesis (?).

[fol. 1] Reflexões sobre como se deve ensinar a Grammatica Latina

1. Os Mestres devem ter como por primeiro principio, que o fim principal e quasi unico do seo trabalho, he que os Discipulos em breve tempo se ponhão habeis e capazes de entender ao menos com sufficiencia os Autores da Lingua Latina, e de os verter facilmente e com propriedade na Lingua materna.
2. Para isto mostra a rasão, e me mostrou taõbem a experiencia, que logo que os Estudantes, souberem os primeiros Rudimentos da Grammatica, quaes elles se contem // [fol. 2] em qualquer dos dois Compendios de Sua Magestade tem aprovado nas Instrucções do anno 1759 devem os Mestres logo obrigarlos a hirem traduzindo os autores mais faceis, e mays uteis da Lingua Latina.
3. Como porém ao entrar na interpretação dos taes Autores, he necessario que os Estudantes tenhaõ as suas cabeças providas de algum cabedal de significados: devem os Mestres logo que elles tiverẽ dado as cinco declinações, obrigarlos a que dahi por diante juntamente com a Lição dos // [fol. 3] Principios da Grammatica, dem de cor algua parte da Collecção das Palavras Familiares, que taõbem se acha approvada e inculcada por Sua Magestade, attẽ a levarem ao fim. Porque desta sorte no fim de

seis mezes poderaõ os bons Estudantes acharse instruidos nos primeiros Elementos da Grammatica; mas taõbem providos de mais de tres mil significados, e de muitas Frazes; para com este preparo entrarem logo a construir, // [fol. 4] e a enriqueceremse dahi por diante, de mais e mais significados, pelo uzo dos Dictionarios maiores.

4. Exaurida com os elementos da Grammatica a referida *Collecção das Palavras Familiares*, e entrados os Discipulos a construir; devem os Mestres continuar em os fazer pôr em Latim varias orações pequenas do Portuguez, e do modo que ellas se achaõ na outra minha Collecção taõbem approvada por Sua Magestade que tem por titulo, *Exercicios da Lingua Latina*, e he // [fol. 5] toda formada de exemplos de Cicero, posto de hũa parte o Latim; da outra o Portuguez. Porque desta sorte vem os tais exemplos assim decorados servir de *Themas* da Syntaxe; bem entendido que o Mestre lhes deve fazer logar, segundo as Regras que se suppoem já sabidas pellos *Compendios* da Gramatica: de sorte que dizendo o Mestre o exemplo Portuguez, que vem na Collecção; o Discipulo lhe diga de côr // [fol. 6] o exemplo Latino que na mesma Collecção lhes corresponde, e dê a rasaõ de tudo, segundo as Regras. Com isto hirá o Estudante bebendo o gosto da Lingua pelo Latim e Frazes de Cicero; e enriquecendo-se cada dia mais de significações, e modos de fallar.
5. Quanto aos Autores que se devem adoptar para se construir por elles; eu começava por Cornelio Nepote e Eutropio, hũ de manhã, outro de tarde. E creio que ambos se podem exaurir em oito // [fol. 7] ou nove mezes; que juntos com os seis que eu suponho que se gastaraõ com os *Principios* fazem menos de anno e meio. E neste espaço de tempo com pouca differença, me mostrou já a experiencia, que por este methodo pode hum Estudante curioso porse em termos, de traduzir per si qualquer Author Latino dos mais faceis; o que não he pequena vantagem.
6. Acabados de traduzir Cornelio Nepote e Eutropio, dissera eu que dahi até os Estudantes passarem para a Retorica // [fol. 7], senaõ traduzisse nas Aulas de Grammatica outro Author, se não Terencio e mais Terencio.

7. A rasaõ porque inculco sobre todos os Autores de Proza a Cornelio Nepote e a Eutropio; he porque importa muito, que os melhores Estudantes, logo desde os primeiros annos vão enriquecendo as memorias de Espolios historicos e factos memoraveis; e que se vão costumando ao estudo da Geografia e Chronologia. E para isto nenhuns Autores são mais accommodados; do que Nepote para a Historia Grega; // [fol. 8] e Eutropio para a Romana. Ao que se ajunta serem ambos muito faceis e claros; e Nepote he elegantissimo; e com a sua pureza fará ver aos principiantes, quanto a Lingua Latina tinha descahido, quando escreveo Eutropio; que foi em tempo dos Theodosios. Quanto mais que nossos Estudantes, quando depois escreverem como Eutropio; Portugal se dará por muito bem servido dos Estudos. Porque na verdade Eutropio, além de que o seo Breviario contem em resumo toda a Historia // [fol. 9] Romana desde Romulo ate Theodosio Moço; o seo Latim he tão desafectado e natural, que eu de mi não dera de escrever sempre, como elle.
  8. A rasaõ em que me fundo, para não admittir nas aulas de Grammatica outro Poeta; que não seja Terencio; he porque não convinha que os Estudantes se demorem nelles mais do que dois até tres annos que neste meio tempo he impossivel que os Estudantes se achem capazes de penetrar nas sublimidades do Poema Heroico em Virgilio, ou // [fol. 10] na facundia e fertilidade de Ovidio. Em Terencio porém achase materia gostosa, quando he a do estilo Comico; acha-se hũa elegancia, hũa propriedade, hũa doçura, que a todos encanta; acha-se hum numero sem numero de formas e frases familiares; acha-se em fim tudo quanto há de belleza na Lingua Latina. Por isso o celebre Mr. Nicole quando quis traduzir em Latim as Cartas Provinciales de Pascal, diz que lera por cinco vezes todo o Terencio.
- [fol. 1] Reflexões sobre o modo com que se deve ensinar a Retorica
1. Insistindo a respeito da Retorica nos mesmos principios, que propuz a respeito da Grammatica; que consistem 1º em que nas aulas só se devem instillar os Elementos desta arte, de sorte que os Estudantes se não detenham em aprendellos mais de hum anno até anno e meio: 2ª em que a Republica Litteraria interessa mais em ter, quem saiba bem discorrer nas materias,

do que em ter, quem saiba escrever hum Latim puro, mas secco e descarnado de toda a amenidade Historica:

2. [fol. 2] Digo que os Elementos da Retorica se podem ensinar a aprender dentro de seis mezes, pelos meos Principios da Eloquencia; que ainda que está gasta a pimeira impressão delles, he facil repetilla dentro de dois mezes; e que ainda que só tratao da Invenção e Locução, isso basta para dar hũa e solida (?) da Eloquencia, cujas partes principaes são aquellas duas, acompanhados porèm os taes principios com as Lições do fundamenta Stili Cultioris de Heineccio, // [fol. 3] e huma confirmação delles tirada pelos Mestres de alguns lugares mais illustres de Quintiliano.
3. Quanto aos Livros que entretanto se devem verter, digo que como o meo systema he encher as cabeças dos Estudantes de boas Especies Historicas, que depois lhe venhão a servir de materiaes para os Discursos ou Dissertações; me parece que de manhã se construa Justino, cuja Obra comprehende a Historia e // [fol. 4] Chronologia Geral dos quatro Imperios antigos, de Assyrios, Medos, Persas, e Gregos; e das Republicas antigas da mesma Grecia; e de tarde a Eneida de Virgilio. Que passados seis mezes, construaõ de manhaã as Epistolas de Cicero ad Familiares; e de tarde a Poetica de Horacio, muito bem explicada pelos Mestres; e depois algũas Odes do mesmo Horacio, ensinando-se-lhes a diversa medição dellas, // [fol. 5] hũas de Saficos, outras de Alcaicos, outras de Asclepiadeos, etc.
4. Quanto aos Themas, ou Exercicios de Retorica, sou de voto, que nas aulas não haja outros, que não sejaõ, mandar aos Estudantes que ponhão em Latim e relatem historicamente algum Passo ou Facto memoravel da Historia antiga, dos que elles mesmos já leraõ em Cornelio Nepote, ou Justiní, ou Eutropio. Porque nestes Ensaios pôde reluzir com a direcção e // [fol. 6] advertencias dos Mestres, tudo o que há de bello na Eloquencia. Com o que pôde muito bem estar, que aos que os Mestres virem com propensão e genio para a Poesia, lhes dem as Regras do bom Epigramma, da boa Elegia, e ainda da Epopèa, ou Poema Epico.
5. Como porèm deve ser maior a sciencia e vastidaõ dos Mestres, do que a dos Discipulos; deve-se encomendar aos Mestres a lição de Walchi sobre o merecimento dos Autores Classicos; a //



[fol. 7] lição de Buchnero de Commentata Ratione Dicendi; para se instruírem na importante doutrina das figuras, principalmente da Metafora; e a lição das Instituições Oratorias de Vossio, para se encherem de erudição em todo o genero de Eloquencia; ou ao menos a sua Rethorica Contracta, que no meo conceito he a melhor de todas, e se fora ainda mais resumida; eu a aconselharia aos mesmos Estudantes.

Segue-se uma carta de António Pereira de Figueiredo, escrita na Casa do Oratorio, com data de 1 de Dezembro, sem indicação do ano. Nela o Pe. Figueiredo refere-se ao envio das *Reflexões sobre o ensino da Grammatica Latina*, além de acusar a recepção de sugestões e comentários que sobre elas teria feito o destinatário. Embora se desconheça a identidade deste, que possivelmente teria solicitado o plano a Pereira de Figueiredo, parece plausível a hipótese de tratar-se de Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas (Andrade 1982), visto ter também entre mãos um projecto para os estudos elementares. A avaliar pela carta, as *Reflexões sobre a Grammatica Latina* precederam, em termos de redacção, as relativas à Retórica e às Primeiras Letras.

[fol. 1] Reflexões sobre o modo de ensinar as Primeiras Letras

Todas vem a consistir nos seguintes Pontos.

1. Dar as Lições de ler por Livros impressos, e não por escritos.
2. Obrigallos a decorar e repetir algum bom compendio da Historia Portugueza, ordenado em forma de dialogo.
3. Obrigallos a decorar e repetir outro compendio da Geografia do Mundo, principalmente da Europa, com // [fol. 2] a situação e nome dos Reinos, Provincias, e Capitaes.
4. Ensinar-lhe a doutrina Christã por algum, bom Catecismo escolhido. Em olhando para todas as circumstancias votar a que, a não se adoptar o Resumo de Mompillier, seria optima escolha adoptar o pequeno Catecismo que Benedicto XIII publicou o Synodo Lateranense de 1728 a que assistirão mais de cem Bispos. O qual pequeno // [fol. 3] Catecismo anda inserto nas actas do mesmo Consilio em Latim e em Italiano, com o titulo: Para os Meninos que estão para se confessar pela primeira vez: e he facillimo traduzir-se em Portuguez.

## 4.2 Correspondência

A personalidade intelectual de Pereira de Figueiredo transparece de forma inequívoca na correspondência trocada com Cenáculo. No referido Cod. CXI – 2-11, peça nº 1, da BPE, encontra-se um interessante conjunto de cartas dirigidas, entre 1772 e 1791, a Cenáculo, com quem Figueiredo colaborou. Nessa correspondência particular a mentalidade de Ilustrado (Santos 1982) emerge em todos os seus contornos. Tal como se observou nas concepções vertidas nos manuais de gramática e no *Parvum Lexikon* (Almeida 1969; Torres 1998), também às ideias pedagógicas expostas nas *Reflexões* sobre o ensino da Gramática Latina, da Retórica e das Primeiras Letras estão subjacentes os princípios de renovação, modernidade, progresso e utilidade da educação e do ensino, como vias para a reforma e avanço geral da sociedade, antes dificultados, segundo Pereira de Figueiredo, pelas práticas dos Jesuítas, associadas a uma concepção elitista e pouco democrática do ensino. Vale a pena atentar em alguns excertos das cartas de Pereira de Figueiredo a Cenáculo. Com data de 14 de Fevereiro de 1776, lê-se:

Taõbem appresentei ao mesmo Senhor [ao Marquês de Pombal] hum Exemplar da Memoria que se quiz offerecer a Clemente XIV. sobre o modo de levar ao fim o grande Negocio da Extincção não só do Instituto; mas taõbem do Espirito Jesuitico. He a mesma, que V. Ex<sup>a</sup> me fez favor de me mandar ao Estoril em Francez.

Mais abaixo, na mesma carta, menciona o nome de Arnault e faz referência à circulação de livros estrangeiros em Portugal, mostrando quanto o seu saber estava actualizado:

Com estou na posse de repartir com V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> dos bons & uteis Papeis, que este Sabio Francez (Antoine Belle-Garde), continuamente me remette; e dezejo sinceramente contribuir [...] ao adiantamento e progresso do novo Collegio de Jesus; tomo a confiança de apresentar a V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> para a Livraria do mesmo Collegio das obras seguintes: dous tomos em 4<sup>o</sup> das obras do grande Arnault em que contem as suas Cartas. Hem Edição que agora se trabalha é, Lausane da Helvecia de todas as Obras daquele grande Homem; e o Impressor promette dar cada trez mezes dous Volumes. & como Belle Garde significa o grande empenho que tem, de que as Obras de Arnault se espalhem em Portugal; e hum dos nossos Livreiros (que creio seria Debeux) lhe disse que, de boa mente traria 30 ou 40 jogos, se estivesse seguro lhos deixariaõ passar. Eu que sei a estimação que, o S. Marquez e V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> fizeram sempre das Obras de toda a Escola de Port-Royal; creio que V<sup>a</sup> Ex<sup>a</sup> naõ terá dúvida, de que eu assegure a Belle-Garde da facil admissaõ dellas neste Reino.

Entre outros aspectos, este excerto tem o valor testemunhal de dar a conhecer as dificuldades com que se deparava a *intelligentsia* nacional para ter acesso aos livros estrangeiros. Já em Março de 1775, Figueiredo aludia ao Latim como língua universal e à situação vivida na época seguinte à expulsão dos Jesuítas:

[...] quando julguei os Planos de V<sup>a</sup> ex<sup>a</sup> dignos de se traduzirem em hũa Lingua universal; foi porque depois de traduzidos e espalhados os Estatutos de Coimbra, julguei que cresceria e subiria muito de ponto entre as Nações estranhas. [...] // E he preciso que com a Reforma dos Estudos deixemos á posteridade huma Prova authentica, de que com a extincção dos Jesuitas tudo convalesceo e melhorou.

As palavras de Pereira de Figueiredo não deixam dúvidas nem quanto ao seu espírito reformador, profundamente anti-jesuítico, nem quanto à sua convicção de que apenas as reformas, em particular as do ensino, trariam o progresso espiritual e material.

## 5. Encerrando

Termino com algumas observações finais sobre as *Reflexões* e as cartas existentes no códice eborense. Umas e outras parecem ser percorridas pelos princípios ideológicos e pragmáticos que iluminavam a maioria das obras metalinguísticas e pedagógico-didácticas do oratoriano: brevidade, facilidade, utilidade e progresso.

Se o espírito iluminista e iluminador de António Pereira de Figueiredo se manifesta na sua actividade metalinguística e no aturado labor pedagógico, como vimos acima, ele percorreu igualmente vários campos do saber humanístico, em conformidade com o extenso rol da sua bibliografia e das muitas áreas nela contempladas, com destaque para aquelas que o colocam no centro de uma das maiores polémicas de sempre da historiografia da língua portuguesa — a do ensino da gramática latina. Por outro lado, apesar de a sua correspondência particular pertencer, como é evidente, a uma esfera comunicacional distinta daquela a que dizem respeito os textos de tipo pedagógico e metalinguístico, não deixa de revelar uma nova dimensão do quadro ideológico que presidiu à produção epistolar, completando e contextualizando os dados a ela relativos, além de traçar a estatura intelectual do oratoriano e de mostrar aspectos da vida social e cultural, elementos integrantes do chamado «clima de opinião» de Setecentos. Por último, a riqueza informativa da correspondência particular de Pereira de Fi-

gueiredo demonstra que fontes desta natureza podem fazer parte, a vários títulos, de um *corpus* historiográfico setecentista, pelo menos no que tange à historiografia externa, aquela que elucida o pensamento e o discurso (meta)linguístico e pedagógico do Autor.

Para concluir, é de salientar que o universo do manuscrito ainda se oferece à historiografia linguística do português como um terreno pouco explorado, mas cada vez mais atractivo, afirmação verdadeira não só para o século XVIII como também para outras épocas.

### Bibliografia

- AAVV (2001): *O Marquês de Pombal e a sua época — o século XVIII e o Marquês de Pombal*, Lisboa/Pombal.
- Almeida, Justino Mendes de (1969): «Lexicógrafos da língua latina em Portugal», em: *Revista de Guimarães* LXXIX, 3-4, pp. 193-226.
- Andrade, António Alberto Banha de (1981): *A Reforma Pombalina dos Estudos Secundários (1759-1771). Contribuição para a história da Pedagogia em Portugal*, 1º vol.: A Reforma; 2º vol.: Documentação, Coimbra: Universitas Conimbricensis.
- Andrade, António Alberto Banha de (1982): *Contributos para a História da Mentalidade Pedagógica Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Araújo, Ana Cristina (2003): *A Cultura das Luzes em Portugal. Temas e Problemas*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Assunção, Carlos (1997): *Reis Lobato — Gramático Pombalino*, Cadernos para a História da Linguística, Lisboa: Colibri.
- Calafate, Pedro (ed.) (2001): *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. III — As Luzes, Lisboa: Caminho.
- Carvalho, Rómulo de (1986): *História do Ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costa, Maria Helena Teves da Costa (1979): «Livros escolares de Latim e de Grego adoptados pela reforma pombalina dos Estudos Menores», em: *Arquivos do Centro Cultural Português* (Paris) XIV, pp. 287-329.
- Figueiredo, António Pereira de (1752): *Novo Methodo de Grammatica Latina, para uso das escolhas da Congregação do Oratorio na Real Casa de N. Senhora das Necessidades. Ordenado e composto pela mesma Congregação do Oratorio*, Lisboa: Na Off. de Miguel Rodrigues.
- Figueiredo, António Pereira de (1759): *Elementos de Invenção e Locução Retorica ou Principios da Eloquencia*, Lisboa: Off. Patriarchal.
- Figueiredo, António Pereira de (1760a): *Parvum Lexikon purae et impurae latinitatis, cum Notis & Interpretatione Lusitana*, Lisboa: Francisco Luis Ameno.

- Figueiredo, António Pereira de (1760b): *Dialogo sobre os Autores da lingua Latina, com o juizo critico das suas obras, Idades estylos [...] para uso das escolas da Congregação do Oratório*, Lisboa: Na Regia Officina Sylviana.
- Figueiredo, António Pereira de (1761): *Figuras da Syntaxe Latina, explicadas, e illustradas por Antonio de Figueiredo segundo os principios de Linacro, Sanchez, Vossio, e Perizonio, Principes da Grammatica moderna*, Lisboa: Na Officina de Miguel Manescal da Costa.
- Figueiredo, António Pereira de (1782): *Compendio das Epocas e Successos mais Illustres da Historia Geral*, Lisboa: Regia Offic. Typ.
- Figueiredo, António Pereira de (1792): «Espírito da Lingua Portuguesa Extrahido das Décadas do insigne Escritor João de Barros», em: *Memorias de Litteratura Portuguesa publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. III, Lisboa: Officina da Academia, pp. 111-226.
- Figueiredo, António Pereira de (1793): «João de Barros — Exemplar da mais solida Eloquencia Portuguesa (Dissertação Academica de [...] escrita e, recitada no anno de 1781)», em: *Memorias de Litteratura Portuguesa publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. IV, Lisboa: Officina da Academia, pp. 1-25.
- Instrucçoens para os Professores de Grammatica Latina, Grega, Hebraica, e de Rhetorica, Ordenadas, e mandadas publicar por El Rey nosso Senhor, Para o uso das Escolas novamente fundadas nestes Reinos, e seus Dominios* (1759), Lisboa: Na Off. de Miguel Rodrigues.
- Jordão, Dr. Levy Maria (1859): *Elogio de António Pereira de Figueiredo: na sessão publica da Academia Real das Sciencias em 20 de Fevereiro de 1859*, Lisboa: Typographia da Academia.
- Koerner, Konrad (1978): *Toward a Historiography of Linguistics: Selected Essays*, Amsterdam: J. Benjamins.
- Lima, Ebion de (1981): «Polémica da Gramática Latina no século XVIII», em: *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra* 36, pp. 57-72.
- Marquilhas, Rita (2001): «Em torno do Vocabulario de Bluteau. O reformismo e o prestígio da norma no século XVIII», em: Mateus, Maria Helena Mira (ed.): *Caminhos do Português*, Lisboa: Biblioteca Nacional, pp. 106-118.
- Santos, Cândido dos (1982): «António Pereira de Figueiredo, Pombal e a «Aufklärung»», em: *Revista de História das Ideias* IV, I, Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 167-205.
- Torres, Amadeu (1998): «*Parvum Lexicon*» de António Pereira de Figueiredo. *Reprodução fac-similada da edição princeps de 1760 com introdução e notas por [...]*, Braga: Edições Humanitas.
- [Trigoso, Francisco Mendes] (1800): *Catálogo das obras impressas e manuscritas de António Pereira de Figueiredo*, Lisboa: Academia das Sciencias de Lisboa.
- Vasconcelos, José Leite de (1929): *Opúsculos*, vol. IV (Filologia — Parte II), Coimbra: Imprensa Universidade.
- Verdelho, Telmo (1982): «Historiografia Linguística e Reforma do Ensino. A propósito de três centenários: Manuel Álvares, Bento Pereira e Marquês de Pombal», em: *Brigantia* 2/4, pp. 347-383.